

# artigos

## *Ceticismo e Novo Mundo*<sup>1</sup>

Danilo Marcondes de Souza Filho<sup>2</sup>

*Notre monde vient de trouver un autre.  
Michel de Montaigne, Essais (III,6), Des Coches*

### I. Introdução

É significativo que Richard Popkin (1966) comece sua antologia de textos sobre o pensamento moderno<sup>3</sup> com a carta de Américo Vespucci (págs.23-30) de 1502 dirigida a Lorenzo de Pier Francesco di Médici.

Segundo Popkin na apresentação deste texto,

A carta de Vespucci mais do que a de Colombo ou de qualquer outro dentre os primeiros exploradores indica o significado revolucionário das terras recém descobertas para o mundo intelectual da época<sup>4</sup>.

É curioso, contudo, que Popkin não tenha desenvolvido essa questão em sua análise da retomada do ceticismo antigo na formação do pensamento moderno.

Com efeito, a ausência de discussão sobre o Novo Mundo na história da filosofia moderna é surpreendente. Por exemplo, na *Cambridge History of Renaissance Philosophy*<sup>5</sup>, nenhuma menção é feita a essa questão embora o séc.XVI seja amplamente discutido. Sequer o longo capítulo sobre a ciência natural (VI, *Natural Philosophy*, pp.199-301) se refere a qualquer impacto das navegações e das descobertas, de importância fundamental para a redefinição desde a geografia e as técnicas de navegação até a história natural propriamente dita (botânica, zoologia, geologia, etc.). O mesmo pode ser dito sobre a *Routledge History of Philosophy*, cujo vol.IV *The Renaissance and the 17th Century Rationalism* não menciona o descobrimento do Novo

---

<sup>1</sup> Palestra proferida na ocasião do I Encontro de Pós-Graduação em Filosofia da UFMG, no dia 17/06/2016. Optamos por manter o texto integral da palestra, o que justifica a diferença entre algumas referências em nota de rodapé (Nota do editor).

<sup>2</sup> Departamento de Filosofia - PUC-Rio.

<sup>3</sup> Richard H. Popkin, *Philosophy of the sixteenth and seventeenth centuries (Readings in the History of Philosophy)*, The Free Press, New York, 1966, p. 23. Contudo, o próprio Popkin não retoma esta questão em sua *História do Ceticismo*, nem em outros textos.

<sup>4</sup> Trata-se da famosa carta intitulada *Mundus Novus*, dirigida em 1502 ao então embaixador de Florença na corte de Carlos VIII, rei de França e publicada em 1503, com mais de onze edições entre 1503-1506. Ver *Le nouveau monde: les voyages d' Amerigo Vespucci (1497-1504), traduction, introduction et notes de Jean-Paul Duviols*, Chandeigne, Paris, 2005.

<sup>5</sup> ed. Charles B. Schmitt e Q. Skinner, Cambridge Univ.Press, 1988.

Mundo uma única vez<sup>6</sup>. O mais claro exemplo disso talvez seja a *História da Filosofia* organizada por François Châtelet<sup>7</sup>, cujo volume 3 é precisamente intitulado *A Filosofia do Mundo Novo* (no original francês *La philosophie du Monde Nouveau*) e apesar disso não faz uma única referência ao impacto do descobrimento do Novo Mundo sobre o pensamento europeu do séc.XVI.

Portanto, a filosofia não parece ter reconhecido essa questão como tendo qualquer relevância. Tradicionalmente se considera que o Humanismo Renascentista, a Reforma Protestante e a Revolução Científica são os principais fatores constitutivos do contexto histórico de formação do pensamento moderno, provocando uma profunda transformação na visão de mundo da época, o que Christopher Hill (1975), em um texto já clássico, denominou de um “mundo virado de cabeça para baixo”<sup>8</sup>. Esses fatores têm sido interpretados também em relação à retomada da filosofia céptica antiga no séc. XVI por levarem ao conflito de doutrinas e ao questionamento da tradição, suscitando a discussão sobre o problema do critério de validade de teorias filosóficas, científicas, teológicas e mesmo jurídicas. Segundo Popkin (2000, 2002) nos mostrou, os argumentos dos cépticos antigos foram retomados e reformulados à luz dessa nova problemática.

Levando adiante o projeto de Popkin, proponho discutir o surgimento do ceticismo moderno em seu contexto inicial, contrastando-o com o antigo quanto ao caráter inovador e original dessas novas questões e destacando a descoberta do Novo Mundo, a partir de 1492, como um dos elementos constitutivos desse contexto histórico uma vez que seu impacto econômico, político e cultural efetivamente levou a uma profunda transformação do mundo europeu a partir desse momento, contribuindo inclusive, para a perda de credibilidade da ciência antiga ao revelar uma realidade até então desconhecida, levando com isso à necessidade de um novo conhecimento desde a geografia até as espécies naturais e, sobretudo, aos povos encontrados nas Américas.

Em segundo lugar, visando desenvolver essa nova hipótese sobre a relevância da descoberta do Novo Mundo, proponho também o exame de questões encontradas em textos da chamada *literatura das navegações*, fortemente marcada pelo Humanismo e contendo relatos tanto de primeira mão, os dos navegadores, quanto indiretos, os dos cronistas, sobre o Novo Mundo. Esses textos levantam questionamentos que vão da

---

<sup>6</sup> *Routledge History of Philosophy, vol.IV: The Renaissance and 17th Century Rationalism*, ed. G.Parkinson, Routledge, Londres, 1999.

<sup>7</sup> François Châtelet. *História da filosofia: idéias e doutrinas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975, 8 volumes, original francês pela ed. Hachette, 1972.

<sup>8</sup> Christopher Hill, *The world turned upside down: radical ideas during the English Revolution: 1649-1660*, Harmondsworth, Penguin.

ciência antiga até a universalidade da natureza humana, radicalizando, a partir de um novo contexto, as questões céticas. De início pretendo me concentrar apenas nas primeiras décadas do século XVI, no momento de constituição das assim chamadas “primeiras imagens” do Novo Mundo, quando esses autores escreveram ainda sobre o impacto da descoberta dessa nova realidade<sup>9</sup>. A descoberta do Novo Mundo como fato histórico e geográfico deverá levar a uma descoberta intelectual do Novo Mundo, o que significa a necessidade de interpretar esse acontecimento, de lhe dar sentido, de incorporá-lo ao pensamento e ao imaginário europeus<sup>10</sup>. Isso se torna necessário, sobretudo, a partir de um conflito básico que se dá entre o objetivo primordial e declarado dos primeiros exploradores como Colombo e Vespúcio, que seria o de encontrar o caminho para as Índias e trazer riquezas e o objetivo efetivamente alcançado, a descoberta de terras desconhecidas, com povos desconhecidos e, ao menos inicialmente, sem as riquezas pretendidas.

Formulo assim uma distinção entre duas ordens de fatores que devem ser levadas em conta como intervindo diretamente na retomada do ceticismo antigo, influenciando assim na formação do pensamento moderno:

(1) um contexto de crise que leva a questões céticas; para o qual o descobrimento do Novo Mundo teve uma importância capital.

Isso significa uma série de crises no pensamento europeu desde o final da Idade Média levando à perda de credibilidade da autoridade institucional da Igreja e da ciência tradicional. Essas transformações de caráter teórico, mas também sobretudo histórico, econômico e social representam mudanças no próprio contexto da época (sécs. XV-XVI), profundamente diferente dos séculos anteriores e explicitamente consciente disso. Os vários aspectos dessa ruptura são discutidos de Petrarca a Montaigne, embora é claro a descontinuidade não tenha sido total.

(2) a leitura e interpretação efetiva de textos céticos antigos à luz dessa crise no contexto da visão de mundo e de natureza humana do Humanismo.

A retomada do interesse pelos textos clássicos no contexto do Humanismo, sobretudo de início italiano e até mesmo mais especificamente florentino, possibilitou a recuperação de obras de Cícero, Diógenes Laércio e Sexto Empírico, mas também de outros pensadores importantes para o debate cético como Heródoto, o próprio Platão e Plutarco. Mesmo textos conhecidos no período medieval passaram a circular com maior intensidade e a receber nova

---

<sup>9</sup> Ver *The first images of America*. Fred Chiappelli, (org.). Univ. of California Press, 1976.

<sup>10</sup> Ver prefácio de T.Todorov à edição francesa dos textos de Colombo, Vespúcio e Pedro Mártir em *Le nouveau monde*. Paris: Belles Lettres, 2004.

atenção à luz das transformações indicadas no item anterior (1). É significativo que os primeiros autores da *literatura das navegações* como Colombo, Pedro Mártir e Américo Vespúcio pertenciam ao contexto cultural italiano, sendo que ao menos os dois últimos receberam uma sólida formação humanística.

A conjunção desses dois fatores permitiu com que as crises e transformações no mundo pudessem ser pensadas a partir das leituras dos cétricos como conflito de doutrinas, *diaphonia* e como levantando mais uma vez o problema do critério devido à perda de credibilidade das autoridades tradicionais, sobretudo os dois pilares da tradição, a ciência e a Igreja, provocando assim uma *aporia*, um impasse, resultante de um conflito entre visões de mundo e entre teorias que não dão mais conta dessa nova realidade e entre as teorias e a experiência dos navegadores e colonizadores que primeiro entraram em contato com essa nova realidade. As várias ordens de conflito que Sexto Empírico explicita nas *Hipotiposes* (XIII, 30-34), se ampliam nesse caso: conflito entre as teorias da tradição, conflito entre as teorias da tradição e as novas descobertas, conflito entre os diferentes relatos das novas descobertas.

Portanto, pode-se dizer que a descoberta do Novo Mundo:

- 1) Antecipa a Revolução Científica Moderna.
- 2) Levanta a questão religiosa sobre a necessidade de catequização e conversão ao Cristianismo dos povos indígenas e de como fazê-lo.
- 3) Em consequência de (2), mas não apenas, leva a uma discussão sobre a universalidade da natureza humana e sobre o sentido da diversidade cultural, questão nova porque embora no ceticismo antigo se encontre uma discussão a esse propósito em alguns dos tropos de Enesidemo, o foco nos tropos é sobretudo a inconfiabilidade das fontes do conhecimento, à exceção talvez do 10º tropo, o tropo moral, mais diretamente relevante para essa discussão.

Proponho concentrar-me no que denominei de “argumento antropológico”, acerca de como se devem considerar os povos do Novo Mundo, não levando em conta diretamente aqui a questão da ciência natural e as questões teológicas e jurídicas levantadas pelo impacto do descobrimento, sobretudo, no contexto espanhol.

O contato com os povos indígenas levanta a questão sobre a universalidade da natureza humana, sobre seus direitos, sobre a possibilidade de evangelizá-los, sobre suas línguas e hábitos culturais, dentre eles a célebre questão do canibalismo, a que Montaigne, por exemplo, dedica um de seus mais famosos *Ensaio*s, “Os canibais” (I, 31).

## II. A Descoberta do Novo Mundo

A formação das primeiras imagens das Américas pode ser ilustrada pela seguinte figura, embora já do final do século XVI<sup>11</sup>, bastante difundida devido à popularidade das obras do gravador flamengo Theodore Gallé.



Amerigo Vespucci et l'Amérique. Dessin de Jan van der Straet gravé par Théodore Galle, 1589.

Essa imagem alegórica é significativa do confronto entre as duas culturas e de uma visão idealizada produzida a partir disso. Américo Vespúcio desembarca no Novo Mundo, ao qual seu nome será dado posteriormente com base no famoso mapa de Waldsemüller de 1507. Inicialmente está só, o que ressalta sua importância, coragem e liderança. Porta um estandarte com o símbolo da cruz porque traz às novas terras a religião cristã, o que visa legitimar sua conquista e enobrecer seus propósitos. Na outra mão, traz um astrolábio, instrumento de navegação que representa o conhecimento científico que tornou possível essa descoberta. Veste uma túnica que oculta quase que

<sup>11</sup> Micheal J. Schreffler, “Vespucci rediscovers America: the pictorial rhetoric of cannibalism in early modern culture”, *Art History*, June, 2005, 28, 3, 295-310.

totalmente uma espada. Em contraste, a “América” é uma jovem nativa, nua, que desperta, ou melhor, é despertada pela chegada de Vespúcio de seu sono em uma rede. Está também sozinha, porém cercada de animais selvagens, desconhecidos dos europeus, mas que não parecem particularmente ferozes. Embora de início os dois personagens se confrontem, seu gesto em direção a Vespúcio é amigável, parecendo convidá-lo a vir. Ao fundo, há uma cena de canibalismo, mas trata-se de algo longínquo, que ele não parece ver ainda. Apoiada numa árvore, ao lado da “América”, há um tacape ou bodurna, arma tradicional dos nativos. Portanto, as armas estão presentes, tanto a espada de Vespúcio, quanto a bodurna dos nativos, porém, não de forma ostensiva, porque o primeiro contato parece pacífico; mas, em caso de necessidade, podem recorrer a elas. A imagem pretende representar que Vespúcio traz a civilização, em seus dois grandes símbolos, a religião e a ciência, para o Novo Mundo, transforma essa terra incógnita em América, dando-lhe nome e incorporando-a à tradição ocidental. Desperta assim esse povo que parece adormecido até a sua chegada e que parecia esperá-lo e o recebe com um gesto pacífico, mesmo amigável. Mas, os símbolos do perigo e do conflito, do desconhecido e do hostil, o canibalismo, as armas, os animais selvagens, se encontram aí, ainda que em um segundo plano, revelando a atitude ambivalente diante dessa nova realidade.

A descoberta do Novo Mundo, cujo marco inaugural é tradicionalmente 1492, a chegada de Cristóvão Colombo às Antilhas<sup>12</sup>, contribui decisivamente para o descrédito e perda de autoridade da ciência antiga cinquenta anos antes do questionamento da cosmologia ptolomáica por Copérnico<sup>13</sup>. Segundo o cronista Pedro Mártir “Deus deu aos cristãos a graça de circundar a Terra além do que Ptolomeu e os historiógrafos conheciam”<sup>14</sup>. Isso revela a falsidade da geografia antiga, da *imago mundi* da tradição, desde a verdadeira dimensão da Terra até o desconhecimento dos novos territórios – a idéia de *novo mundo* precede assim a da *ciência nova* (termo efetivamente empregado por Galileu).

A necessidade de um novo conhecimento se justifica, sobretudo, devido a dois fatores:

---

<sup>12</sup> Até hoje se discute o lugar exato da chegada de Colombo às Américas. Os dois candidatos mais fortes são a ilha de Watling nas Bahamas e mais recentemente a ilha de Samana Cay, também nas Bahamas. Ver *National Geographic*, vol.170, n.5, 1986, “Our search for the true Columbus landfall”.

<sup>13</sup> Há grande controvérsia acerca de navegadores desde os Vikings até os chineses que teriam precedido Colombo, porém a história reconhece esta data como marco inaugural (Menziés, 2003).

<sup>14</sup> MÁRTIR. *Op.cit.*

1) Primeiro, a perda de autoridade da ciência antiga que, por omissão, nada diz sobre esta nova realidade, ou então devido ao conflito entre as antigas doutrinas:

Discutem os antigos poetas, filósofos e cosmógrafos se a linha equinocial é habitável ou inacessível. Com efeito, uns afirmam ela habitada por numerosos povos, outros escrevem que é inabitável por causa da posição perpendicular do sol<sup>15</sup>.

2) Segundo, a inconfiabilidade das narrativas antigas como as da Atlântida<sup>16</sup>, das Ilhas Afortunadas (Plutarco) ou das Terras do Prestes João, sobre as regiões desconhecidas, que em nada correspondem ao encontrado, revelando a inutilidade da tradição para o conhecimento dessa nova realidade.

Montaigne afirma que, “a narrativa de Aristóteles não está de acordo com nossas terras novas”<sup>17</sup>.

Enquanto questionamento do conhecimento o descobrimento do Novo Mundo:

- 1) Revela a insuficiência do conhecimento da tradição, que desconhecia essa nova realidade: leva ao questionamento da ciência tradicional, abala dessa forma a sua autoridade, apontando para a necessidade de produção de um novo conhecimento.
- 2) Valoriza o conhecimento empírico, já que a única forma de conhecer essa nova realidade é pela experiência, esse conhecimento é necessariamente limitado e provisório.
- 3) Levanta a questão sobre a natureza humana dos povos nativos do Novo Mundo e conseqüentemente sobre a variação no conhecimento dependendo da natureza humana.

### III. O argumento antropológico:

O total desconhecimento sobre o *ser humano*, ou seja, sobre os habitantes nativos dessas terras, sua natureza e sua origem é um dos fatores de maior impacto nessa sucessão de eventos que consiste na descoberta do Novo Mundo e na formação progressiva e contraditória das “primeiras imagens” das Américas, ênfase o plural porque de fato não foi uma imagem que se produziu, mesmo quando se considera um único autor, mas um conjunto de imagens, por vezes complementares, por vezes dissonantes, frequentemente cambiáveis, o que revela a dificuldade de se ver algo nunca antes visto, de se confrontar com o novo.

---

<sup>15</sup>MÁRTIR. *De orbe novo*, 1516.

<sup>16</sup>Vidal Naquet, 2005.

<sup>17</sup>MONTAIGNE. “Os canibais”, *Ensaio*, I, 31.

No caso da descoberta dos povos do Novo Mundo a dificuldade principal consiste na ausência de elemento de intermediação, ao contrário da geografia que permitia uma hipótese da descoberta de um novo caminho para as Índias, ou de relatos populares como as viagens de Marco Pólo, uma das inspirações de Colombo. Essa dificuldade é representada de início, sobretudo, pelos obstáculos quanto à comunicação, pela incompreensão das línguas nativas, de seus costumes, de seus símbolos.

É importante a este propósito enfatizar que o descobrimento do Novo Mundo se deu no contexto do Humanismo Renascentista dos séculos XV-XVI, da valorização do ser humano, a *dignitas hominis*, e da discussão sobre a natureza humana e sua suposta universalidade, quando essa problemática adquire uma centralidade não encontrada no contexto histórico anterior da escolástica medieval<sup>18</sup>, cuja imagem da *miseria hominis* parece agora se inverter. Isso se dá no momento mesmo em que se constituía uma visão de homem como um ser empreendedor, autônomo, criativo, capaz de produzir uma nova realidade política, científica, artística, quase um herói. E efetivamente a imagem do herói do mundo clássico Greco-romano será a imagem por excelência segundo a qual o Humanismo Renascentista representará esse novo homem. Esse é o momento de valorização do indivíduo empreendedor que por iniciativa própria, desafiando perigos e preconceitos, faz grandes descobertas e realiza grandes feitos. Os navegadores portugueses desde o início do século XV e, sobretudo, Colombo, são os grandes exemplos dessa nova concepção de homem que inclui ainda os *condottieri* italianos, os grandes artistas do Renascimento de Leon Battista Alberti a Leonardo Da Vinci, os burgueses e comerciantes de Bruges a Florença que geram a grande riqueza dessa época.

Mas como integrar os povos recentemente encontrados nessa imagem que há pouco começa a se delinear?

O grande desafio cético que esse contexto apresenta não consiste apenas no confronto e logo no conflito entre doutrinas, como no contexto antigo retratado por acadêmicos e pirrônicos, mas em um conflito ainda mais radical, entre o antigo e o novo, entre o conhecido e o desconhecido, entre o conhecimento estabelecido e o que a tradição ignorava, entre um conhecimento teórico e um saber da experiência que começa a se constituir e que introduzirá um novo critério de validade para o conhecimento.

Em relação às Américas uma distinção mais ampla é necessária entre os impérios como os dos Aztecas no México, dos Maias na América Central e dos Incas no

---

<sup>18</sup>Cf. Copenhaver e Schmitt, 1992.

Peru que permitiam uma analogia com os impérios antigos dos egípcios, assírios e persas com seus reis, classe sacerdotal, templos e pirâmides e as culturas tribais da América do Sul (Brasil) e do Caribe, considerados em geral pelos primeiros exploradores como povos totalmente bárbaros, o que já consiste em uma resposta à questão sobre em que categoria esses seres humanos devem ser incluídos. Qual a sua natureza?<sup>19</sup>

A imagem abaixo ilustra uma das formas por excelência de se integrar os povos do Novo Mundo à visão de mundo e à cultura europeia.



*Livro de Horas do Rei D. Manuel I [1517]. Presença de um índio do Novo Mundo em um texto tipicamente medieval. Ilustrado por Antonio de Holanda, Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa.*

Retrata elemento típico da representação portuguesa do Novo Mundo, no caso especificamente do Brasil, contendo uma ambigüidade que imediatamente ressalta. O *Livro de Horas* é caracteristicamente medieval, um manuscrito iluminado contendo orações e leituras religiosas, enquanto que a imagem do índio é inevitavelmente moderna, porque inexistente na Idade Média. Temos então a incorporação de um elemento do novo contexto em uma obra medieval ainda corrente no século XVI, como se essa imagem representasse um ponto de encontro entre passado e futuro. Padrões ainda medievais são utilizados para interpretar o novo, que é assim simplesmente sobreposto ao medieval, porque não se dispõe ainda de uma visão da “história da humanidade” que permita incorporar esses povos à tradição dominante.

É nesse sentido que podemos afirmar que a descoberta dos povos do Novo Mundo na radicalidade de sua diferença com o homem europeu, leva à formulação de um novo argumento cético, referente à universalidade da natureza humana.

O argumento antropológico caracteriza-se pelo questionamento de uma natureza humana universal, por um ceticismo acerca da existência de uma natureza humana única

---

<sup>19</sup> Montaigne comenta em “Os coches” (*Ensaio*, III, 6), a diferença entre as várias culturas das Américas. Sobre a América pré-colombiana.

e homogênea, levando a um relativismo cultural quanto à possibilidade de entender, classificar, categorizar essas diferentes culturas tão radicalmente distintas da européia.

Com a retomada do ceticismo antigo no Renascimento, torna-se possível a evocação a esse propósito do segundo tropo, ou modo, de Enesidemo<sup>20</sup> encontrado na filosofia cética antiga sobre as variações radicais entre os seres humanos, agora em relação ao Novo Mundo – a tal ponto que podemos nos perguntar se seriam realmente seres humanos.

Na versão do segundo tropo em Sexto Empírico embora o argumento básico diga respeito a variações físicas e eventualmente de pensamento entre indivíduos, há pelo menos uma passagem em que é dito que “é possível que dentre algumas nações das quais não temos conhecimento o que é raro entre nós seja verdade para a maioria”<sup>21</sup>. E na versão de Diógenes Laércio, “o segundo é o modo dependendo da natureza, os costumes e a constituição dos humanos”<sup>22</sup>. O segundo tropo pode assim igualmente ser visto como indicando variações culturais (nações, costumes) como um fator levando à suspensão do juízo.

É igualmente relevante nessa mesma direção o décimo tropo<sup>23</sup>, ou tropo moral, sobre as variações entre os hábitos e costumes dos diferentes povos frequentes dentre os gregos desde os relatos de Heródoto. Aponta para diferenças entre formas de vida, costumes, leis, crenças míticas e suposições dogmáticas. Encontramos entre diferentes povos, oposições entre cada um desses elementos e nos relatos sobre o Novo Mundo, encontramos mesmo a ausência de leis e de religião.

No caso do Novo Mundo, por exemplo, em que medida é possível recorrer aos padrões cristãos para julgá-los? A questão moral, sobretudo o questionamento da suposta superioridade moral cristã é levantado por pensadores como Montaigne, em seus *Ensaio*s dentre eles o mais famoso, “Os Canibais” (I, 31), e também em “Os Cochés” (III, 6). O problema do critério se coloca assim de modo mais radical do que o encontrada no ceticismo antigo.

Isso se dá precisamente no contexto da Reforma Protestante, da ruptura no interior do Cristianismo, e das guerras religiosas daí decorrentes. Ocorre também como indicamos anteriormente no contexto do tema humanista da *miseria hominis*, levando no caso à demonização do indígena enquanto bárbaro, em um sentido diferente do ser caído e pecador do pensamento medieval; mas também em contraste com a *dignitas hominis*

<sup>20</sup> Cf. Annas e Barnes, 1985, pág.56.

<sup>21</sup> *Hipotiposes* I, 89.

<sup>22</sup> IX, 80-1, *apud* Annas & Barnes, 1985, pág.56.

<sup>23</sup> *Hipotiposes* I, 143-160.

do bom selvagem, do homem natural, integrado à natureza, epicúreo. Essa perplexidade diante dos indígenas e a dificuldade de entendê-los evidencia-se na ambivalência dos relatos que ora os apresentam como seres puros, inocentes, na “infância da humanidade”, aproximando-os da imagem do homem na Idade de Ouro encontrada em Hesíodo e em Platão (*Leis*, III), vivendo felizes dos frutos da natureza; ora como selvagens lúbricos e indolentes, que mutilam o próprio corpo e praticam o canibalismo.

Como explicar essa diferença radical e como explicar a imensa diversidade cultural, entre os povos nativos eles próprios? A filosofia grega já nos apresentava imagens contraditórias da natureza humana, mesmo se considerarmos apenas Platão e Aristóteles. Parece efetivamente haver uma oscilação entre uma natureza humana universal e uma variação radical entre os homens, por exemplo, desde todo o homem dotado por natureza do desejo de conhecer da *Metafísica* até o escravo por natureza da *Política*. Até que ponto trata-se no Novo Mundo de uma “infância da humanidade”, de um ser humano que permanece na infância, cujo potencial não se desenvolveu pela ausência dos elementos civilizatórios: a vida política, a religião cristã, o conhecimento científico? Esse argumento será crucial na legitimação da conquista e da colonização e na defesa da missão civilizatória do conquistador europeu.

#### **IV. O Novo Mundo e o pensamento moderno**

Como interpretar o desinteresse da história da filosofia pela Descoberta do Novo Mundo? Porque esse evento histórico não se tornou uma questão filosófica? Em parte porque os filósofos do início da Modernidade, dos séculos XVI e XVII, não se interessaram eles próprios por essa questão. Várias hipóteses podem nos permitir explicar isso: 1) as grandes navegações, o descobrimento e colonização do Novo Mundo foram eventos principalmente ibéricos, enquanto que grande parte da filosofia da época se produziu na França, na Inglaterra e na Alemanha; 2) a problemática epistemológica, provocada pela Revolução Científica, devido a seu interesse teórico tornou-se mais central para a discussão filosófica; 3) a perspectiva universalista ou universalizante da maioria dos filósofos fez com que não se interessassem por diferenças culturais; 4) a perspectiva eurocêntrica impediu o interesse por outras regiões e culturas, consideradas primitivas, não só do Novo Mundo, mas inclusive da Ásia e da África; 5) a Reforma protestante afetou mais diretamente a Europa provocando uma série de guerras religiosas, mas uma vez à exceção da península ibérica.

Por outro lado, certamente a história, a literatura e a teologia se interessaram por essa questão. Alguns filósofos como Montaigne, desenvolveram efetivamente uma

reflexão filosófica sobre o significado do descobrimento do Novo Mundo e do contato com outros povos. O descobrimento do Novo Mundo teve uma importância simbólica e forneceu uma metáfora de uma sociedade alternativa à da época em pelo menos dois grandes exemplos, a *Utopia* (1516) de Thomas Morus e o *New Atlantis* (1624) de Francis Bacon.

A questão que está na base do desenvolvimento da antropologia na modernidade e consiste no núcleo do que denominei argumento antropológico parece ser precisamente qual o limite entre natureza e cultura para a compreensão do ser humano<sup>24</sup>. Até que ponto a diversidade cultural pode ser relevante para o conhecimento e a moral? E, sobretudo, até que ponto essa questão levanta a dificuldade de julgarmos os outros povos por ausência de critério? Mais radicalmente ainda, até que ponto esses outros povos não nos fornecem modelos alternativos de sociedade, de vida, da possibilidade de uma felicidade terrena, de volta à Idade de Ouro, de uma nova experiência humana? Essa questão se encontra presente, por exemplo, em Montaigne, contudo desaparece da discussão filosófica do século XVII em diante que a relega ao plano do empírico, portanto, sem relevância filosófica, embora se aplique diretamente à questão crucial da epistemologia acerca das fontes e da justificativa do conhecimento como indicam os tropos de Enesidemo (segundo e décimo, como vimos anteriormente), à questão sobre a possibilidade de uma moral universal e de direitos humanos universais, as bases mesmo do pensamento iluminista, permanecendo, contudo, por muito tempo como pressupostos não tematizados.

---

<sup>24</sup> Ver Margaret T. Hodgen. *Early anthropology in the sixteenth and seventeenth centuries*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1964.